



UNIVERSIDADE FEDERAL DELTA DO PARNAÍBA – UFDPAr
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO - CMRV
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, DA EDUCAÇÃO E DESPORTO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MILENA DUTRA ARAUJO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA PROFESSORA DO ENSINO
FUNDAMENTAL: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

PARNAÍBA
2020

MILENA DUTRA ARAUJO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA PROFESSORA DO ENSINO
FUNDAMENTAL: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Delta do Parnaíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares

PARNAÍBA
2020

MILENA DUTRA ARAUJO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA PROFESSORA DO ENSINO
FUNDAMENTAL: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Delta do Parnaíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA AVALIADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares – UFDPAr/CMRV
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Luciana Matias Cavalcante – UFDPAr/CMRV
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Marly Macêdo – UFDPAr/CMRV
Examinadora

RESUMO

Este estudo tem como objetivo conhecer as práticas pedagógicas voltadas à alfabetização e o letramento utilizadas por uma professora do 2º Ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Parnaíba, PI e é resultante do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba. O problema de pesquisa é: quais práticas pedagógicas, voltadas à alfabetização e o letramento, são mais utilizadas por uma professora do 2º ano? Utilizamos neste estudo a abordagem qualitativa segundo Lüdke e André (1986) e como procedimentos metodológicos de coleta de dados, a observação participante da rotina da sala do 2º ano e entrevista semiestruturada com a professora da referida sala. Fundamentamos nosso trabalho nos estudos de Freire (1997), Soares (2009), dentre outros. De acordo com a análise dos dados, os resultados obtidos no estudo de caso, apontam que as práticas pedagógicas voltadas à alfabetização e o letramento mais utilizadas por esta professora são as voltadas ao incentivo à leitura diária de diferentes gêneros textuais e os jogos de formação de palavras.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Alfabetização. Letramento.

PEDAGOGICAL PRACTICES OF AN ELEMENTARY SCHOOL TEACHER: TEACHING AND LITERACY SKILLS

ABSTRACT: This work aims to understand the pedagogical practices focused on the teaching and the literacy skills used by a teacher of the 2nd grade of Elementary School in the municipal public network of Parnaíba, PI. This research is the result of the undergraduate thesis of the Pedagogy course at the Federal University of Delta do Parnaíba, and its research problem is: which pedagogical practices, focused on teaching and literacy skills, are most likely to be used by a 2nd grade teacher? In this work, we used the qualitative approach according to Lüdke and André (1986) and as methodological procedures for data collection, participant observation of the routine of the 2nd grade class and semi-structured interview with the teacher of the class. We base our work on the studies of Freire (1997), Soares (2009), among others. According to the data analysis, the results obtained in the case study indicate that the pedagogical practices focused on the teaching and the literacy skills most used by this teacher are those that encourage the daily reading of different text genres and the games of training words.

KEYWORDS: Pedagogical practices. Teaching. Literacy skills.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UMA PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Milena Dutra Araujo¹

Profa. Dra. Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares²

1 INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo e a velocidade do compartilhamento de informações, cada vez mais, se torna necessário o domínio da comunicação e da correta interpretação nos mais diversos contextos sociais. Quem sabe ler e escrever, por serem atividades normais do nosso cotidiano, muitas vezes não se dá conta da quantidade de elementos envolvidos no processo de aquisição da leitura e da escrita. Este é um tema que nos despertou cada vez mais curiosidade à medida que avançávamos no curso e o escolhemos como tema de nossa pesquisa por considerá-lo relevante e sempre atual, embora existam inúmeros trabalhos nessa área, ainda há muitos pontos a serem explorados.

Atualmente aqui no Brasil, segundo o Senso Escolar de 2019, mais de vinte milhões de crianças são matriculadas no Ensino Fundamental, mas muitas delas não chegam ao final do Ensino Médio com níveis de interpretação de texto e escrita satisfatórios. Segundo Soares (2009, p. 39), "um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado", ou seja, é preciso que o indivíduo saiba ler e entender o que está lendo e que saiba escrever o que realmente quer escrever.

Dessa forma, buscando a reflexão sobre as práticas pedagógicas utilizadas atualmente pelo professor dos anos iniciais, práticas estas, que objetivam proporcionar e facilitar a aquisição da leitura e da escrita da língua portuguesa pela criança, é o que motivou a realização do presente artigo. Nele, buscamos conhecer as práticas pedagógicas voltadas à alfabetização e o letramento utilizadas por uma professora do 2º Ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Parnaíba,

¹ Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Delta do Parnaíba (UFDPAr). E-mail: milenadribeiro2@gmail.com

² Professora Orientadora do TCC. Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr.

PI. Reconhecendo a importância de formarmos cidadãos críticos e reflexivos, buscamos responder à seguinte pergunta: quais práticas pedagógicas, voltadas à alfabetização e o letramento, são mais utilizadas por uma professora do 2º ano?

Nesse sentido, buscamos trabalhar os seguintes objetivos específicos: descrever as práticas pedagógicas de uma professora do 2º ano; relacionar as práticas com as teorias correspondentes e identificar quais dessas práticas, dentro da perspectiva de alfabetização e letramento, são utilizadas com mais frequência.

O presente estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa do tipo estudo de caso e a coleta de dados ocorreu pela observação da sala de aula do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Parnaíba (PI) e complementada por entrevista semiestruturada com a professora da referida sala.

Esse trabalho está disposto da seguinte forma, na primeira parte trouxemos os teóricos que abordam o assunto para possibilitar a reflexão e entendimento de como funciona o processo de alfabetização e letramento, assim como as práticas relacionadas a esse processo. Em seguida, descrevemos as práticas utilizadas de acordo com as observações e respostas do questionário e identificamos aquelas que aparecem com mais frequência dentro dos objetivos da alfabetização e do letramento.

A relevância desta pesquisa é demonstrar, especificamente nesta sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental, as práticas voltadas à alfabetização e o letramento que são utilizadas com mais frequência por esta professora, como também, auxiliar e incentivar futuras pesquisas e o aperfeiçoamento dos saberes docentes para a construção da identidade profissional.

2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: PERCURSOS CONCEITUAIS E PRÁTICOS.

Diante de inúmeros trabalhos realizados dentro destes assuntos tão complexos que são a aquisição da escrita e da leitura pela criança, assim como das práticas pedagógicas envolvidas nesse processo, e com a finalidade de encontrar apoio para as reflexões que este estudo se propõe, apresentamos as seguintes abordagens:

Inicialmente, segundo Franco (2015), para que se entenda o que são práticas pedagógicas temos que entender os inúmeros processos, saberes e sujeitos que fazem parte delas. Para Franco (2015, p. 608):

As práticas pedagógicas incluem desde planejar e sistematizar a dinâmica dos processos de aprendizagem até caminhar no meio de processos que correm para além dela, de forma a garantir o ensino de conteúdos e de atividades que são considerados fundamentais para aquele estágio de formação do aluno, e, através desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores construídos em outros espaços educativos.

Podemos assim observar que as práticas do professor iniciam mesmo antes que ele adentre a sala de aula. Planejar como irá realizar a aula é uma prática pedagógica, escolher os materiais mais adequados a um determinado objetivo e executar o que foi planejado, também.

No entanto, na visão de Franco (2015), as práticas precisam ser bem realizadas para não correr o risco da aula até perder seu sentido para os alunos. Isso ocorre quando não existe a transformação das intencionalidades em ações correspondentes, quando as aulas forem somente reprodutoras de textos prontos ou se não houver reflexão e criticidade.

A importância da criticidade na prática docente também é comentada por Freire (1996) quando diz: " [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. " (FREIRE, 1996, p. 17), isto é, ao fazer o seu plano de aula, o professor precisa pensar sobre qual, ou quais, objetivos deseja atingir. Esse pensar sobre suas ações possibilitará adequar os objetivos que precisa alcançar com a maneira pelas quais serão realizadas.

Para Franco (2015), as práticas sofrem transformações em decorrência da apropriação dos saberes profissionais, e acrescenta: “ [...] há de se considerar que tais saberes se organizam, se entrecruzam, se mobilizam, se reformulam pela capacidade do sujeito interrogante, dialogante, crítico e criativo.” (FRANCO, 2015, p. 609). Ou seja, o próprio sujeito precisa refletir sobre suas ações e suas práticas, ninguém, além dele mesmo, é responsável por fazer isso acontecer.

Sendo assim, as ações realizadas pelo professor no exercício da profissão e a forma como ele se posiciona em diferentes situações fazem parte dos saberes profissionais. São esses saberes que formam a identidade do professor. (TARDIF, 2000).

Portanto, as práticas pedagógicas são ações resultantes de inúmeros processos pelos quais passa o profissional durante toda sua vida. E para reconhecer quais práticas pedagógicas são voltadas à alfabetização e o letramento, precisamos primeiramente de algumas definições.

O conceito de alfabetizar, segundo Soares (1985), não era o ideal da maneira como estava na época e nem como continua atualmente nos dicionários – “Ensinar a ler e a escrever³” –, pois no entendimento da própria autora: “Não parece apropriado, nem etimológica nem pedagogicamente, que o termo alfabetização designe tanto o processo de aquisição da língua escrita quanto o processo do seu desenvolvimento” (SOARES, 1985, p. 20). Na sua perspectiva, nessa época, consideravam a alfabetização como um processo permanente. A aprendizagem da língua, de fato, é um processo permanente, mas sua aquisição, aprender as letras, os fonemas, ou seja, a ler e a escrever, termina quando se aprende. (SOARES, 1985).

Nesse contexto, como forma de entender o movimento histórico quanto à questão dos métodos de alfabetização que eram adotados aqui no Brasil, Mortatti (2006) divide o período que vai de 1876 a 1994, tendo como base São Paulo, em quatro momentos: O primeiro como sendo baseado na disputa entre o método da palavração e os métodos tradicionais denominados sintéticos – soletração e silabação; o segundo, o período no qual ocorria a disputa entre o revolucionário método analítico e o tradicional método sintético; no terceiro, surge a disputa entre o método analítico e o método misto (sintético-analítico ou analítico-sintético) e por

³ <https://www.dicio.com.br/alfabetizar/>

último , a disputa entre os defensores do construtivismo e dos tradicionais métodos. E sobre esse quarto momento, Mortatti (2006, p.10), comenta:

[...] introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e colaboradores. Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas.

Percebemos que o termo desmetodização aparece nesse momento porque anteriormente a alfabetização era discutida como métodos de ensino e a partir de então, passa a ser vista como processo de aprendizagem, a introdução do construtivismo provocou uma mudança na forma de alfabetizar. De acordo com Ferreiro (2017, p. 21) “esses métodos tradicionais só levavam em conta os aspectos gráficos da escrita e os aspectos construtivos, eram ignorados”.

Quanto às contribuições da psicogênese para os métodos de alfabetização, na visão de Piccoli e Camini (2012), são sem dúvida inegáveis, pois dentre elas, a de considerar os rabiscos feitos pelas crianças como o início aquisição da escrita, visto que antes, os métodos tradicionais de alfabetização não reconheciam os rabiscos como uma forma de escrita.

No caso da palavra letramento, para Soares (2009), apareceu pela primeira vez na língua portuguesa em 1986 no livro de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. E surgiu porque houve a necessidade de nomear um fenômeno que não existia antes, tanto que nem existia no dicionário. A palavra letramento é uma tradução da palavra inglesa *literacy* e significa “ a condição de ser letrado”. Que é diferente de *literate*, designando a pessoa que domina a leitura e a escrita, que aprendeu a ler e a escrever, e diferente de *literacy*, denominando a pessoa que aprendeu a ler e a escrever e que faz uso social leitura e da escrita. (SOARES, 2009, p. 15-16)

Dentre uns dos conceitos de letramento encontrados em Soares (2009), pois segundo ela mesma, é um fenômeno muito complexo para ter só uma definição, encontra-se: “ Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. ” (SOARES, 2009, p. 18).

Para que o indivíduo pudesse se tornar ao mesmo tempo alfabetizado e letrado, levando em conta os conceitos de alfabetização e letramento, como sendo ações distintas, essas ações deveriam acontecer juntas. (SOARES, 2009)

Conforme entrevista dada ao Jornal do Brasil, Soares (2000), explica que a prática alfabetizadora deve ser apresentada à criança de diferentes formas, quer seja pela leitura ou pela escrita, para que os horizontes das crianças sejam ampliados e desta forma oportunizem, conseqüentemente, a ampliação dos saberes linguísticos ao usar a língua nas em variadas situações, inclusive de forma reflexiva, dependendo das necessidades e do contexto.

Da mesma forma, Antunes (2016), compartilha a ideia de que a escrita deve ser incentivada sempre que possível e esse estímulo começa com o desenvolvimento de algumas competências, dentre elas, destacamos: as competências [...] “ligadas à escrita como atividade representativa das sociedades com maior grau de letramento” (ANTUNES, 2016, p. 15, grifo da autora). Segundo ela, se a escrita não for adotada como uma prioridade capaz de transformar a realidade, muitos, como os analfabetos ou os analfabetos sociais ficarão à margem da sociedade.

Em um estudo realizado para a Universidade Federal de Minas Gerais, Soares constatou que existe uma inegável diferença de convívio com material escrito e com práticas de leitura e escrita entre as crianças das camadas mais favorecidas e as demais crianças, as primeiras tem acesso mais intenso e mais frequente a esses materiais e a essas práticas (SOARES, 2000), e o que ela orienta é que seja oferecido materiais alternativos que oportunizem às crianças de escolas com menos recursos a ter mais acesso à material escrito e à cultura popular. Que é importante dar acesso ao letramento de forma igualitária para todos, já que um processo que não termina quando a criança aprende a ler, e sim que permanece por toda a vida. (SOARES, 2000).

No Brasil, o ciclo alfabetizador dura três anos, e nesse período, a criança não pode ficar retida (BRASIL, 2006), conseqüentemente, como entende Piccoli e Camini (2012), durante esses três anos, é natural as crianças apresentarem tanto interesses, concentração, como níveis de aprendizagem da leitura e da escrita diferentes, exigindo, por parte da professora, quase que um ensino especializado. O resultado disso é quase sempre, medir o desempenho da professora pelo sucesso dos alunos ao final do ano letivo.

E, por fim, com relação às leis que regulamentam o ensino no Brasil, atualmente as práticas alfabetizadoras são norteadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No dia 22 de dezembro de 2017 foi publicada a resolução CNE/CP nº 2, que institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. (BRASIL, 2018).

Na BNCC, a área de linguagem do ensino fundamental- Anos iniciais, é formada por três componentes curriculares, Língua Portuguesa, Arte e Educação Física. Nos dois primeiros anos o foco da ação pedagógica deve ser o processo de alfabetização:

Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social. (BRASIL, 2018, p. 63).

Especificamente, para o 1º e 2º anos do ensino fundamental, a BNCC traz uma tabela contendo as práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades que serão desenvolvidas no processo de alfabetização. (BRASIL, 2018)

Percebemos, portanto, que a alfabetização e o letramento, ainda são causadores de incertezas e dúvidas no que diz respeito a escolhas das práticas pedagógicas, diante disso Piccoli e Camini entendem que:

[...] são formas que precisam ser conhecidas para que possamos utilizá-las quando nos forem úteis, fazendo escolhas intencionais, cientes das implicações que delas discorrem. Para isso é necessário entender como esses conceitos entram em ação em sala de aula, a partir de métodos produtivos para ensinar a ler e a escrever. (PICOLLI e CAMINI, 2012, p. 26).

As escolhas feitas pelo educador precisam ser feitas de forma responsável e metódica, pautadas em muito estudo e análises e, ainda, segundo Soares (2016) a questão da alfabetização não está no método, até porque, eles estão sempre se alternando ou sendo substituídos. Ao planejar suas práticas, o professor precisa escolher procedimentos fundamentados nas teorias.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

O presente estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa, que segundo Bogdan e Biken apud Lüdke e André (1986, p. 11), dentre suas características, "... supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada". Quando o material coletado nas pesquisas é apresentado de forma detalhada em todas as suas características, inclusive entrevistas, e ainda, quando o investigador se preocupa em conhecer o ponto de vista dos participantes. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986)

Como procedimento de coleta de dados, optamos pelo estudo de caso, pois, segundo Lüdke e André (1986, p. 17), "... é utilizado quando queremos estudar algo singular, algo que tenha valor em si mesmo". Esse tipo de abordagem possui algumas características as quais podemos destacar: visam a descoberta, ou seja, mesmo que utilizem pressupostos teóricos, aceitam o aparecimento de fatos novos; levam em conta a interpretação em contexto; buscam retratar a realidade de forma completa e profunda e apresentam uma linguagem mais acessível.

Para tanto, utilizou-se a observação das práticas pedagógicas de uma professora de 2º ano de uma escola pública de Parnaíba-PI, pois a observação, segundo Lüdke e André (1986, p. 26), "[...] Na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações".

Optamos também por uma entrevista semiestruturada com a professora da sala observada, pois, ainda, segundo Lüdke e André (1986, p. 33), "Ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados". Este tipo de entrevista permite que o entrevistado fale sobre o tema proposto de acordo com as informações que detém, não se induz a uma resposta e ao mesmo tempo permite adaptações por parte do entrevistador, se assim for necessário.

Para a análise dos dados seguiu-se os procedimentos de categorização, que dentro da abordagem qualitativa, de acordo com Gomes (2009, p. 88), consiste em decompor todo o material a ser analisado em partes, depois distribuir as partes em categorias, fazer uma descrição de cada uma e interpretar os resultados obtidos com o auxílio da fundamentação teórica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossas observações foram realizadas durante o período do Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia, tivemos a oportunidade de, além de fazer algumas observações da sala de aula em nosso diário de campo, entrevistar a professora do 2º ano de uma Escola Pública de Parnaíba, professora esta, que a partir de agora será denominada de professora M, como forma de garantir o sigilo da identidade da mesma.

Para a análise, separamos as informações em categorias, “As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico” (BARDIN apud GOMES, 2009, p. 88). No entanto, é importante que essa separação seja realizada sempre da mesma maneira; que seja feita de forma a não deixar nenhum material sem categoria; que cada conteúdo seja analisado sem repetições, ou seja, que nenhum material apareça em duas categorias; as categorias devem ser concretas, sem muitos significados e, por fim, que seja adequada ao objetivo almejado. (GOMES, 2009, p. 89).

Para tanto, nossa categorização apresenta-se da seguinte forma: Ambiente alfabetizador e os sujeitos participantes; experiência profissional e saberes; práticas desenvolvidas em sala de aula; dificuldades na aquisição da leitura e da escrita; a alfabetização e o lúdico e a percepção da professora sobre a sua prática.

4.1 AMBIENTE ALFABETIZADOR E OS SUJEITOS PARTICIPANTES

A Escola que nos acolheu nesta pesquisa é de educação básica e as modalidades de ensino são Ensino Infantil (Infantil IV e V) e Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Funciona de segunda a sexta-feira nos horários de 7:00 às 11:00 horas no turno da manhã e de 13:00 às 17:00 horas no turno da tarde.

A estrutura organizacional conta com uma diretora, uma diretora adjunta, uma coordenadora pedagógica e trinta e três professores, destes, cinco são auxiliares das turmas que possuem alunos portadores de necessidades especiais.

Quanto à estrutura física, possui doze salas de aula, uma diretoria, uma secretaria, três banheiros, sendo dois deles adaptados para portadores de deficiência física, uma cantina, um depósito para merenda, uma sala para professores, área

coberta e área externa descoberta. Na ocasião da pesquisa possuía 758 alunos nos turnos manhã e tarde, sendo quatro turmas de educação infantil e quatro turmas para cada ano do ensino fundamental.

A sala de aula do 2º ano do ensino fundamental possui trinta carteiras, uma mesa com cadeira para professora e dois armários de aço. Atualmente, tendo vinte e cinco alunos matriculados na sala, uma professora efetiva e uma para preencher o horário pedagógico (HP). É uma sala razoavelmente ampla, conta com um aparelho de ar condicionado, suas paredes são decoradas com figuras em EVA, quadro de combinados, calendário, quadro do ajudante do dia, uma estante com vários livros paradidáticos e acima do quadro de acrílico, encontra-se pintado o alfabeto minúsculo e maiúsculo.

Preparar a sala de aula com elementos que possam chamar a atenção das crianças para a escrita de elementos do seu cotidiano é muito positivo, como fala Teberosky (2018) ao ser perguntada em uma entrevista sobre o que é um ambiente alfabetizador, diz que é o que possui diversas opções de fontes de cultura que fazem parte do contexto social, podem ser textos digitais, livros, jornal, revistas, dentre outros. (TEBEROSKY, 2018). Compreende-se que as crianças encontram significado quando, por exemplo, associam sua data de aniversário com o calendário ou o utilizam para preencher a agenda.

As carteiras da sala de aula são organizadas em fileiras e as crianças têm seus lugares fixos, dificilmente trocam de carteiras. Diariamente são levadas pelos pais ou familiares à escola aproximadamente às 13 horas e, após a acolhida, feita pela diretora, no pátio, são levadas em filas e acolhidas em sala de aula pela professora.

4.2 EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL E SABERES

Durante nossas observações, a professora M mostrou segurança quanto ao seu modo de conduzir as aulas, além ser assídua e pontual. Quanto a sua trajetória profissional e sua experiência com alfabetização, a professora M nos relatou o seguinte:

Sou professora há trinta e três anos, e alguns destes, em salas de alfabetização. Nesta escola estou há 13 anos. Preparo minhas aulas seguindo o Projeto Político Pedagógico e a Base Nacional Comum Curricular. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA M)

A experiência adquirida ao longo tempo de profissão permite que a professora traga para sua prática muitos saberes. Segundo Tardif (2000), os saberes que o professor acumula por toda sua vida desde o nascimento, passando pela graduação, durante o exercício da profissão, entre outros, refletem na sua prática em sala de aula. Realizando seu planejamento de acordo com as propostas da escola, seguindo o livro didático adotado e acompanhando as orientações do que diz a BNCC:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.(BNCC, 2018, pg. 67-68).

A BNCC propõe promover a aquisição da leitura e da escrita focando nos textos e trabalhando a sua função social, sendo assim, o planejamento neste modelo conseguirá atender as necessidades propostas.

De acordo com Soares (1999), para que o professor possa orientar a criança no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita precisa sobretudo ter uma clara noção do que seja o texto em todos os sentidos, suas características, suas formas de apresentação, das partes que o formam, suas finalidades, enfim, ter o domínio do que vai ensinar. E não é só isso, precisa conhecer a escrita não como uma simples transcrição do que é falado e sim como representação da língua. E ainda, deve conhecer os processos linguísticos e os psicológicos e que entenda a parte fonológica e a parte gráfica. (SOARES, 1999).

Neste sentido, percebemos a importância da formação do professor como um fator primordial para a aprendizagem da língua, ora, um professor que não teve a oportunidade de ter uma boa base durante toda a trajetória escolar, que foi alfabetizado mas que possui baixos níveis de letramento, que não sabe usar leitura e a escrita de forma social, que não teve uma formação da estrutura da linguagem de forma completa, dificilmente poderá realizar seu trabalho de maneira satisfatória, o que acarretará num círculo vicioso prejudicial para melhoria educacional.

4.3 PRÁTICAS DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA

Perguntada na entrevista sobre que práticas pedagógicas realizava para a aquisição da leitura e da escrita a professora respondeu:

Eu uso diversas práticas. Eu trabalho muito incentivando a criança. Na sala de aula eu uso as mais diversas, eu parto do conhecimento prévio para daí incentivá-los ao gosto da leitura e da escrita. Uso pequenos textos, explorando os diversos gêneros textuais. Apresento para eles histórias, vídeos. Na sala de aula existe um cantinho da leitura onde tem diversos livros, lá eles podem ter um momento onde manuseiam os livros, escolhem os livros para levarem para casa, levam para casa, leem e no dia seguinte quando eles retornam, fazem a devolução, então eu escolho 2 ou 3 para fazer questionamentos naquele dia, pergunto o que mais gostaram e se eles se identificaram com algum dos personagens. Procuro mostrar a importância da leitura e da escrita para a vida deles. Todos os dias faço uma leitura, para despertar neles o gosto de ler. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA M).

Na fala da professora podemos perceber comprometimento com o processo de aquisição da leitura e da escrita. De acordo com Franco (2015), o professor tem que ser muito cuidadoso na hora de escolher a forma que irá transmitir o conteúdo, para que tenha significado para as crianças, que as envolva naquele momento. Observamos que a professora prioriza práticas de incentivo à leitura e a escrita partindo do que já é conhecido por elas, a exemplo das parlendas e cantigas populares, como podemos observar na descrição da aula a seguir:

A professora iniciou a explanação fixando um cartaz no quadro de acrílico. No cartaz estava escrito com letras cursivas a letra de uma música infantil e uma ilustração referente à música.

Perguntou quem conhecia a música e quase todos responderam que sim. As crianças cantaram juntas enquanto a professora acompanhava apontando no cartaz cada palavra correspondente. Depois a professora perguntou quem queria ler trechos da música. E finalizou fazendo perguntas relacionadas ao enredo. (DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 25 DE MARÇO DE 2019)

Apresentar o texto com letras cursivas, auxilia a alfabetização pois é importante as crianças entenderem que a mesma palavra pode ser escrita com diferentes grafemas. É necessário, desde a educação infantil, haver um convívio da criança com os diversos tipos de letras para que possam ler e escrever com autonomia (MORAIS,

2012). Nesta ocasião, a professora utilizou a música para explorar diversos recursos, trabalhou letras maiúsculas e minúsculas, o som e a escrita das sílabas (grafemas e fonemas). Ao fazer perguntas sobre o texto a professora se torna mediadora da aprendizagem, auxilia a identificação de elementos conhecidos pelas crianças. Segundo Freire (1996) os educandos aprendem quando se tornam sujeitos de sua aprendizagem. Percebe-se que tais práticas contribuem para estimular o pensamento reflexivo.

Perguntada sobre qual metodologia utiliza para trabalhar um texto, respondeu:

Por exemplo, uma fábula, faço uma leitura inicial de toda a história, depois peço que eles leiam, que digam o que entenderam e depois peço que reescrevam da forma que eles entenderam (ENTREVISTA COM A PROFESSORA M).

Do ponto de vista de Soares (2016), é necessário que o texto seja muito explorado para que sejam desenvolvidas as habilidades de leitura e escrita, quanto mais a criança tiver contato com diferentes palavras mais vai acelerar esse desenvolvimento tanto explorando a rota fonológica quanto a lexical, “[...] são sobretudo os efeitos das características das palavras que suscitam o uso de uma ou outra rota ou a interação entre elas que, na verdade, não se contrapõem, mas interagem” (SOARES, 2016, p. 275).

Diversificar os textos é importante, mas seguir o planejamento anual também. Por isso, a professora trabalhou um texto do livro didático adotado pela escola.

Inicialmente a professora perguntou quem queria fazer a leitura de partes do texto, algumas crianças liam com facilidade e outras nem tanto, quando se equivocavam ou não sabiam ler, a professora auxiliava. Em seguida perguntou quem queria falar sobre o que haviam entendido da leitura. E, ainda trabalhando o texto, pediu que encontrassem palavras escritas com as letras P e B e as transcrevessem no caderno separando as sílabas de cada uma. (DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 01 DE ABRIL DE 2019).

A consciência fonológica trabalhada na oralidade, na perspectiva de Piccoli e Camini (2012), é desenvolvida por intermédio de habilidades que permitem à criança compreender as unidades sonoras. A consciência fonológica é parte importante no processo de aquisição da leitura e da escrita. (PICCOLI e CAMINI, 2012). Sendo assim, na prática da professora, observou-se tanto o trabalho com a oralidade

objetivando a consciência fonológica, quanto um pouco de morfologia quando identificam palavras e suas partes, e ainda a interpretação do textual.

O texto deve ser usado para desenvolver o trabalho pedagógico, pois é ele que dá sentido ao código. O código sem um sentido deixa de existir. Isso não significa que o código não precise ser estudado, este tem que ser estudado articulado com sentido do texto. (KLEIN, 2010). Ou seja, utilizar o texto para trabalhar não somente a interpretação, mas também as sílabas, as palavras, seus sons e significados.

Perguntada sobre que atividades considerava mais eficazes na apropriação da leitura e da escrita pela criança, a professora respondeu:

As atividades que considero mais eficazes são aquelas que envolvem a oralidade, a leitura e só depois vou partir para a escrita. Trabalho uma história, em uma roda de conversa sentados no chão em círculo, apresento a história, peço que leiam uma parte cada um, ou eles fazem uma dramatização de uma história, um conto mais simples. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA M).

Quando afirma que ensinar é criar oportunidades de produzir o conhecimento e não só simplesmente a transferência dele, Freire (1997), norteia a prática criativa do professor, aquela que considera a criança como um sujeito ativo na aprendizagem. A criança precisa ser vista como um sujeito pensante, que entende e que sabe interpretar o que vê e ouve. (FERREIRO, 2017).

Por isso, a professora precisa criar estratégias que estimulem a vontade de aprender. Percebemos que por mais que o professor trace seus objetivos didáticos, se não houver um interesse por parte da criança em apreender o que lhe é proposto, a aprendizagem não acontece. No caso, especificamente de uma leitura, onde se tem um número grande de crianças, é natural haver dispersão de algumas. Segundo Teberosky (2018), dentre as estratégias alfabetizadoras utilizadas, devem ser a de dividir a turma em pequenos grupos, para que elas tenham mais chances de ler e comentar sobre o que leram. Dessa maneira, além de promover uma socialização entre as crianças, oportunizará que todas participam ativamente do momento.

4.4 DIFICULDADES NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Na ocasião que aconteceu um trabalho avaliativo sobre a água, no qual tinha uma cruzadinha e uma gravura para colorir, as crianças se detiveram em colorir e deixaram a cruzadinha por último.

Percebemos que as crianças tinham mais dificuldade em escrever as respostas do que de responder o enunciado, ou seja, quando perguntadas oralmente sabiam da resposta, mas tinham dificuldade em escrever a palavra na cruzada e, portanto, faltavam ou sobravam quadrinhos. (DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 26 DE MARÇO DE 2019).

Perguntada sobre a o que ela atribuía a dificuldade da criança na aquisição da leitura e da escrita, a professora respondeu:

Acho que a falta de acompanhamento nas tarefas que vão para casa, visto que o grande número de crianças em sala de aula, impossibilita um acompanhamento mais intensificado, também as conversas com outras crianças durante as aulas prejudicam a aprendizagem e muitas vezes existe a falta de interesse no conteúdo. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA M).

Sabemos que embora o professor realize atividades que promovam a aquisição da leitura e da escrita, o acompanhamento das tarefas feitas em casa é um fator que faz diferença na qualidade do alfabetizar/letrar. O grande número de crianças e a pressão que eles sofrem em apresentar resultados do que lhe é cobrado no currículo, torna bem difícil o acompanhamento individualizado.

Como já foi colocado anteriormente, nem todas as atividades realizadas pelo professor alcança os objetivos esperados, nem sempre o aluno está disposto a aprender. “ O ensino sem sentido, imposto de fora para dentro e de cima para baixo não cria condições de aprendizagem. ” (FRANCO, 2015, p. 612-613). Por isso, se faz necessário que o professor busque a significação de suas práticas e que as torne interessantes.

4.5 A ALFABETIZAÇÃO E O LÚDICO

Ao perguntar sobre a presença da ludicidade em suas práticas a professora respondeu:

Sempre procuro trazer algo atrativo para a sala de aula, acho importante trabalhar as atividades tradicionais, mas é preciso inovar para despertar o gosto da criança para os conteúdos, então sempre procuro trabalhar com o lúdico. Uma atividade que realizo muito são os jogos de formação de

palavras, pois são atividades que envolvem muito as crianças e conseqüentemente trazem bons resultados. Um dos que mais utilizo é o "picolé de sílabas", que consiste em pote reciclado de sorvete com vários picolés confeccionados em E.V.A. (etil, vinil, acetato), onde cada picolé tem uma sílaba. Coloco sobre a mesa e vou chamando as crianças em duplas para que formem palavras, em seguida eles escrevem no quadro as palavras formadas e depois escrevem uma frase que contenham essas palavras. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA M).

A finalidade de incorporar atividades lúdicas em suas práticas é trazer para a aula o dinamismo, o estímulo necessário para prender o interesse, segundo Antunes (2004), "É no ato de brincar que toda criança se apropria da realidade imediata atribuindo-lhe significado" (ANTUNES, 2004, p. 31). Trazer jogos e brincadeiras além de contribuir para a aprendizagem do conteúdo, torna o momento da aprendizagem mais leve e descontraído.

Durante as observações ficava muito evidente a maior participação das crianças quando eram realizadas atividades com a presença do lúdico.

4.6 A PERCEPÇÃO DA PROFESSORA SOBRE A SUA PRÁTICA

Durante a entrevista consideramos pertinente descobrir a maneira como a professora se reconhece em sua prática, como ela se auto avalia, então pedimos para que ela comentasse um pouco sobre o trabalho realizado por ela em sala de aula.

Trabalhamos muito com textos, com desenhos, com vídeos, o próprio livro didático e os livros paradidáticos que temos na sala de aula. Sempre trabalho a leitura e a escrita mostrando a eles a importância que é conseguirem ler e escrever, para não ter dificuldade nas outras disciplinas. Eu trabalho de diversas formas para incentivá-los, mostro a importância da leitura e da escrita na vida deles para o futuro. Quando são capazes de ler e de escrever irão ter a capacidade de transformar suas vidas. As crianças, às vezes, quando chegam no 2º ano, não dominam a leitura e nem saem dominando, mas já vão bem mais preparados para o 3º ano para completar esse processo tão importante que é a aquisição da leitura e da escrita. Desta forma, estamos conseguindo atingir nossos objetivos, despertar o gosto da criança pela leitura e escrita. Todo dia procuro inovar, pois como diz Magda Soares, não existe um método específico pra gente alfabetizar, a gente tem que partir daquilo que a criança traz, temos que improvisar, porque de repente uma criança pergunta algo que não estava planejado e daí você tem que estar preparada para desenvolver a aula em cima disso. Todo dia a sala de aula é um desafio pra gente, em todos os sentidos. As crianças trazem muitos questionamentos e temos que nos preparar para eles. Método fechado não existe, trabalho com diversas técnicas, diversas práticas, diversas metodologias para atingir os objetivos que nos são propostos (ENTREVISTA COM A PROFESSORA M)

As práticas do professor são reflexo de um conjunto de concepções, que somadas influenciam a sua forma de reagir às diversas situações. Do ponto de vista de Tardif:

[...] um professor não possui habitualmente uma só e única “concepção” de sua prática, mas várias concepções que utiliza em sua prática, em função ao mesmo tempo de sua realidade cotidiana e biográfica e de suas necessidades, recursos e limitações. (TARDIF, 2002 p. 65, grifo do autor).

Percebemos que o próprio sujeito pode encontrar certa dificuldade em definir e comentar sobre suas práticas já que são mutáveis e passíveis de aprimoramentos. Por exemplo, quando acontecem situações alheias ao planejamento, vai exigir, por parte da professora, discernimento e controle de suas ações. O que também não significa que ela vai agir da mesma forma em outra situação semelhante.

Nos momentos que sucedem a volta das crianças à sala de aula após o intervalo, é bem difícil reestabelecer o silêncio, tanto que, apesar de todos os esforços da professora para controlá-los, algumas vezes torna-se bem complicado fazê-lo. Em outras ocasiões a professora tem dificuldade de explanar o conteúdo por conta da interrupção de alguns que querem a todo custo mostrar o caderno, levantam para fazer perguntas pertinho dela ou outros que simplesmente não param quietos em suas cadeiras. (DIÁRIO DE CAMPO DOS DIAS 01, 02 E 08 DE ABRIL DE 2019).

Entendemos que a forma como o professor se comporta diante da indisciplina é um fator significativo para o bom andamento de suas aulas e por este motivo levantamos este ponto aqui. A democratização da sociedade e a eliminação dos instrumentos autoritários colocados por ela a serviço da escola vão cada vez provocando a desobrigação no cumprimento de regras. (AQUINO, 1999). Por essa razão, o professor fica dividido entre fazer presente sua autoridade, muitas vezes recorrendo a métodos de punição ou coação ou lutar exaustivamente para galgar um respeito dificilmente alcançado. Neste sentido, o autor expõe como uma alternativa, que o professor procure buscar esse respeito através de relações interpessoais de admiração.

Por todos esses aspectos apresentados até aqui, percebe-se que os resultados positivos obtidos num bom processo de alfabetização e letramento vão estar relacionados a essas trocas de saberes tanto entre educando/professor quanto entre educando/educando, com as intencionalidades ao planejar sua aula, com

objetivos bem definidos e direcionados, que proporcionem interação entre todos os envolvidos no processo e que procure diversificar as atividades.

Sendo as práticas pedagógicas, segundo Franco (2015, p. 604), "aquelas que se organizam para concretizar determinadas expectativas educacionais", os resultados encontrados em nossa pesquisa demonstram que as práticas pedagógicas mais utilizadas pela professora observada aqui, predominantemente são as de leitura, produção e interpretação textual, onde são trabalhadas a oralidade, a grafia e os seus usos sociais.

As metodologias que mais utiliza são as que chamam a atenção da criança para a aquisição da leitura e da escrita, e para tanto, recorre a diferentes gêneros textuais, como as parlendas e cantigas populares, utiliza os jogos de formação de palavras do acervo da escola, além de, também, confeccionar materiais como a sorveteria de sílabas. O processo de aquisição da leitura da escrita feita de maneira a contemplar a alfabetização e o letramento exige muito empenho por parte do professor dos anos iniciais e apresentar os conteúdos de forma descontraída, utilizando o lúdico sempre que possível, ajuda muito nesse processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação de realizar o presente estudo surgiu do interesse em aprofundar os conhecimentos sobre as práticas pedagógicas voltadas ao ensino da língua portuguesa utilizadas pelo professor das séries iniciais. Observar uma sala em processo de aquisição da leitura e da escrita nos proporcionou conhecer mais sobre a temática de maneira ampla e sobre as práticas voltadas à alfabetização e o letramento.

Alcançamos o objetivo geral de conhecer essas práticas em uma sala de 2º ano, por meio da observação do ambiente alfabetizador, nas ações do sujeito envolvido, e por meio da entrevista.

De acordo com a pesquisa, descrevemos algumas das práticas da professora observada, relacionamos as práticas com as teorias correspondentes e identificamos quais práticas voltadas a alfabetização e letramento são mais utilizadas pela professora do 2º ano, os resultados apontam para o incentivo à leitura de diversos gêneros textuais com interações sociais e atividades lúdicas de escrita como os jogos de formação de palavras.

Diante da metodologia proposta, realizamos a observação de uma única sala de aula de 2º ano e entrevista com a professora da referida sala, entretanto, entendemos que apresentaríamos melhores resultados se tivéssemos estendido a observação para mais salas de 2º ano de outras instituições, e entrevistado mais professoras. Todavia, devido às limitações de tempo e a paralisação das escolas, a execução dessas ações tornou-se inviável. Diante disso, recomendamos que estudos posteriores, ao investigar essa mesma linha de pesquisa, ampliem os sujeitos.

Conhecer as práticas de alfabetização e letramento é de grande relevância não só para os profissionais recém-formados, como também para aqueles que almejam a atualização de suas práticas, pois o compartilhamento de experiências contribui para a melhoria da aprendizagem e conseqüentemente a qualidade da

educação no país, proporcionando, assim, a inclusão de mais indivíduos em uma cultura letrada.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Educação infantil**: prioridade imprescindível. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

ANTUNES, Irandé. Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das competências em escrita. **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, p. 9-21, 2016. Disponível em: http://img.travessa.com.br/capitulo/CONTEXTO/ENSINO_DE_PRODUCAO_TEXTUAL-9788572449540.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

AQUINO, Julio Groppa. **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus, 1999.

BRASIL. Lei nº. 11.274, de 6 e fevereiro de 2006. Altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 anos de idade. **Diário Oficial União**, Brasília, DF, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm#:~:text=Altera%20a%20reda%C3%A7%C3%A3o%20dos%20arts,\(seis\)%20anos%20de%20idade](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm#:~:text=Altera%20a%20reda%C3%A7%C3%A3o%20dos%20arts,(seis)%20anos%20de%20idade). Acesso em: 12 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **A Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 13. dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. INEP: Censo Escolar 2017. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso em: 06 de dez. 2020.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2017. v. 6

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul/set. 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000300601&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201507140384>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D`água. 1997.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO MCS, org. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. P. 79-108.

KLEIN, Lígia Regina. Alfabetização e letramento: considerações sobre a prática pedagógica no ensino de língua. [s.n. : S.l.], 2010. Disponível em: [KLEIN_Ligia_Alfabetizacao_e_letramento](#). Acesso em: 10 dez. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Revista da Associação Nacional de Educação**, São Paulo, v. 3, p. 11-19, 1983.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: **Conferência proferida durante o Seminário “Alfabetização e letramento em debate”**, promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <https://fbnovas.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Acervo%20em%20PDF/Hist%C3%B3rias%20dos%20M%C3%A9todos%20de%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patricia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Porto Alegre: Edelbra Editora Ltda, 2012.

SOARES, M. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. In: ZACCUR, E. (Org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, SEPE, 2001a. p. 49-73, 1999. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p059-075_c.pdf. Acesso em: 05 dez. 2020.

SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/1358>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SOARES, Magda Becker. **Letrar é mais que alfabetizar**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 2000 Disponível em: <https://portaleducacaoinfantil.blogspot.com>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Rev. Bras. Educ.**, v. 13, n. 5, p. 5-24, 2000. Disponível em: http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf. Acesso em: 05 dez. 2020.

TEBEROSKY, Ana. Ambiente Alfabetizador do professor. **Entrevista in**: Nova Escola por Paola Gentile. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/251/ana-teberosky-debater-e-opinar-estimulam-a-leitura-e-a-escrita>. Acesso em: 07 de dez. 2020.